

ANTA GRANDE DO ZAMBUJEIRO (ÉVORA, PORTUGAL): CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DAS CERÂMICAS

Leonor ROCHA¹

ABSTRACT

Of the hundreds of funerary megalithic monuments registered in Alentejo, of different sizes and types, one stands out by its monumentality: the Anta Grande do Zambujeiro.

In recent years we have undertaken a project to study the archaeological materials (with exception of schist plates) this megalithic funerary monuments identified in the sixties of the 20th century, by Henry Leonor Pina.

The various interventions in this monument, by different investigators, eventually ever being fully published getting the spoils deposited in the Museum of Évora.

Wanted of this work was to present a summary of existing ceramic although part of the collection is not yet in a position to be treated.

Keywords: Megalithic tombs; Anta Grande do Zambujeiro; ceramics; Évora; Portugal

RESUMO

Das centenas de monumentos megalíticos funerários registados no Alentejo, de diferentes dimensões e tipologias, uma delas sobressai pela sua monumentalidade: a Anta Grande do Zambujeiro.

No decurso dos últimos anos temos vindo a desenvolver um projecto que visa estudar o espólio (á excepção das placas de xisto) deste monumento megalítico funerário identificado na década de sessenta do século XX, por Henrique Leonor Pina.

As várias intervenções realizadas neste monumento, por diferentes investigadores, acabaram por nunca virem a ser integralmente publicadas ficando o espólio depositado no Museu de Évora.

Procura-se neste trabalho apresentar uma súmula da cerâmica existente apesar de parte da coleção ainda não se encontrar em condições de poder ser tratado.

Palavras-Chave: Megalitismo funerário; Anta Grande do Zambujeiro; cerâmicas; Évora; Portugal

1. Há sítios e sítios...

O Alentejo Central é conhecido pela quantidade e monumentalidade dos seus monumentos megalíticos a nível internacional desde, pelo menos, os trabalhos de

Vergílio Correia (Correia, 1921) e de Georg e Vera Leisner (Leisner, 1944, 1949; Leisner e Leisner, 1959) e de Manuel Heleno (Rocha, 2005) os quais inventariaram, escavaram e publicaram centenas de monumentos megalíticos funerários desta região.

Temos considerado, inúmeras vezes, que os monumentos megalíticos podiam ser também marcos na paisagem devido à sua implantação, preferencialmente em linhas de cumeada por onde se transita com maior facilidade, por poderem incorporar nas suas estruturas pétreas elementos que os tornassem facilmente distinguíveis na paisagem (como blocos de quartzo branco), etc. Na realidade, o caso da Anta Grande do Zambujeiro (AGZ) vem demonstrar que, por vezes, eles podem permanecer invisíveis durante milénios, por se tornarem um elemento físico na paisagem, ou seja, a sua monumentalidade e estado de conservação acabaram por os tornar em mais um elemento da paisagem.

Assim, não obstante o empenho dos inúmeros investigadores que trabalharam nesta área, até à primeira metade do século XX, nomeadamente o casal Leisner no concelho de Évora (Leisner, 1944; Leisner e Leisner, 1959), a AGZ conseguiu permanecer inédita até à década de 60, do séc. XX. De fato, apenas em Março de 1964, quando se encontra no concelho de Évora a realizar trabalhos na anta do Barrocal, Henrique Leonor Pina, por informação oral do Sr. António Rebocho, identifica no local conhecido como “o cabeça da Anta”, a AGZ, completamente preservada (Alegria e Dias, 2007).

Esta tardia identificação poderia ter sido sinal de bom augúrio, mas não foi. Na realidade, a jóia da coroa do megalitismo português rapidamente foi empenhada e perdida. Das várias intervenções realizadas temos apenas um artigo publicado (Soares e Silva, 2010) sendo que a esmagadora maioria do espólio recuperado não tem qualquer contextualização estratigráfica.

2. Os artefactos cerâmicos

Os primeiros trabalhos de escavação foram realizados por Henrique Leonor Pina, entre 1964 e 1969, em curtas campanhas de três semana/ano, e deles resultaram cerca de duas mil peças que se encontram depositadas no actual Museu de Évora.

Os materiais recuperados nas campanhas seguintes, sob a responsabilidade de Carlos Tavares da Silva e de Rui Parreira, realizadas, nos anos 80 e entre 1991-1994 do século XX, respetivamente, só muito recentemente deram entrada nas reservas do Museu de Évora. Para além de, como é natural, ainda não ter havido capacidade técnica de o catalogar, uma parte significativa deste espólio, sobretudo as cerâmicas, não se encontra sequer lavado.

¹ Investigadora do CHAIA. Docente/ Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora



Figura 1 - Contentor com cerâmicas. Museu de Évora



Figura 3 - Figura Zoomórfica ME-7518

De acordo com as memórias recuperadas em entrevista recente (Alegra e Dias, 2007), uma vez que não existem quaisquer Cadernos de Campo da 1ª fase de escavações, H. L. Pina refere que esta intervenção foi realizada com o apoio da Junta Distrital que suportava os custos dos trabalhadores rurais contratados e dos combustíveis.

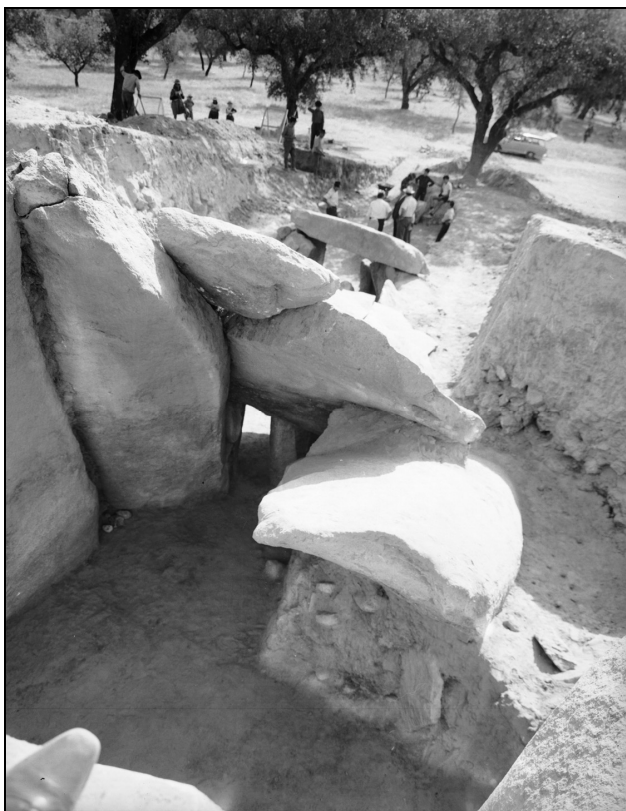


Figura 3 - AGZ em escavação por Henrique Leonor Pina. Arquivo da Câmara Municipal de Évora

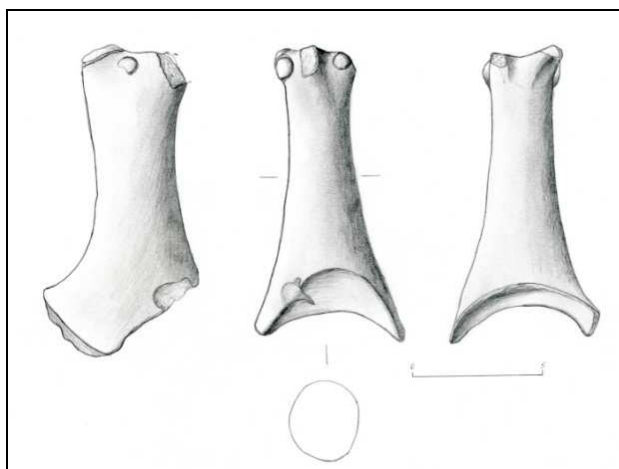


Figura 4 - Desenho ME-7518 (desenho L.Rocha)

A taça ME 3816 apresenta decoração simbólica em toda a superfície, como de pode verificar através da Fig. 6. A decoração é preenchida a pasta branca.



Figura 5 - Taça fechada de base convexa, com decoração simbólica ME 3816

Destas recordações, realça-se aqui apenas as memórias sobre as peças de cerâmica que se resumem a uma peça zoomórfica e a um vaso com decoração simbólica (ME 3816) que pela sua exuberância decorativa, chamou naturalmente a atenção dos escavadores.

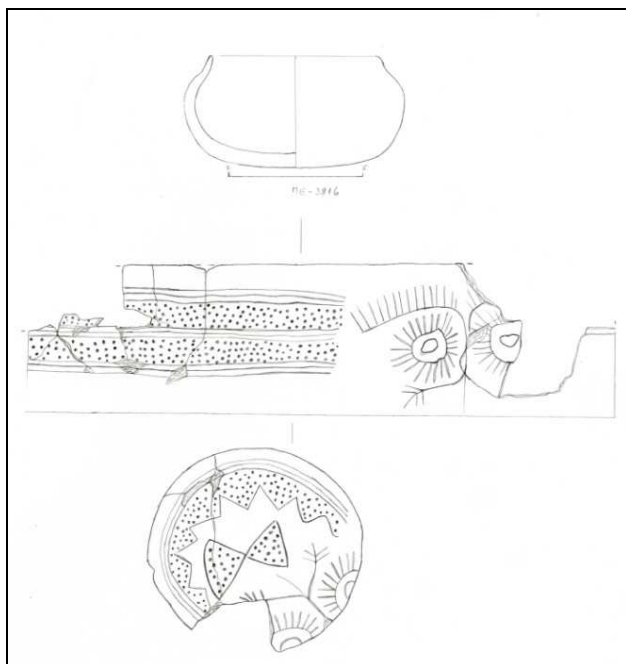


Figura 6 - Desenho da taça fechada de base convexa - ME 3816
Desenho L. Rocha)

2.1. Metodologia

Para a descrição e estudo do espólio cerâmico da AGZ depositado no Museu de Évora optou-se por se criar uma base de dados em Excel, com 29 campos descritivos. Os três primeiros parâmetros relacionam-se com a especificidade da colecção: **N.º**: numeração antiga (**Z** 000); **N.º ME** – número atribuído pelo Museu de Évora ME000); **O**: origem (Cm = câmara; Cr = corredor), quando referida.

Os 22 campos seguintes seguiram, em termos de categorias criadas e de descritores usados, dentro de cada uma delas, os parâmetros anteriormente definidos por V. S. Gonçalves, para monumentos megalíticos de outras áreas (Gonçalves, 1989, 2003).

- **FG** – forma geral.

A: aberta;

F: fechada

- **Est** – estado.

1: completo;

2: ligeiramente fragmentado;

3: pelo menos metade da peça conservada

4: bordo;

5: bojo;

6: fundo;

7: indeterminado.

- **HP** – homogeneidade da pasta.

1: compacta;

2: semi-compacta;

3: pouco compacta.

- **CNP** – componentes não plásticos.

1: abundantes;

2: em número mediano;

3: escassos.

- **CNPd** – componentes não plásticos, dimensões.

1: finos (0,1 a 0,25 mm);

2: médios (0,25 a 0,5 mm);

3: grandes (> a 0,5 mm).

- **CNPmp** – componentes não plásticos, matéria-prima.

1: quartzo;

2: quartzo hialino;

3: micas (biotite e moscovite);

4: outros.

- **ASE** – superfície externa, acabamento.

1: rugosa;

2: alisada;

3: polida;

4: aguada;

5: engobe.

- **ASI** – superfície interna, acabamento.

1: rugosa;

2: alisada;

3: polida;

4: aguada;

5: engobe.

- **CZ** – cozedura.

1: oxidante;

2: redutora;

3: oxidante com arrefecimento redutor;

4: redutora com arrefecimento oxidante.

- **BE** – espessamento do bordo.

1: não espessado;

2: aplanado;

3: em bisel simples;

4: em bisel duplo;

5: espessado internamente;

6: espessado externamente;

7: almendrado.

- **BD** – direcção do bordo.

1: bordo recto;

2: bordo convergente;

3: exvertido;

4: invertido.

- **PF** – perfurações.

0: inexistentes;

1: não constatadas;

2: isoladas;

3: apareadas.

- **MM** – mamilos.

0: inexistentes;

1: não constatados;

2: verticais;

3: horizontais;

4: isolados;

5: apareados.

- **CR** – carenas. Nesta categoria, considerou-se a altura do recipiente como elemento determinante. Assim, se a carena se situar acima da linha média, é alta; a meio, é média; abaixo da metade da altura, é baixa.

1: altas;

2: médias;

3: baixas;

4: indetermináveis.

- **Dia** – diâmetro interno da abertura ou da boca (mm).
- **Dea** – diâmetro externo da abertura (mm).
- **Dbj** – diâmetro do bojo (mm).
- **Dmx** – diâmetro máximo (mm).
- **Espb** – espessura do bordo (mm).
- **Espbj** – espessura do bojo (mm).
- **Espf** – espessura do fundo (mm).
- **Espm** – espessura máxima (mm).
- **Alt** – altura total recipiente (mm).

Por último, foram criados três campos que, mais uma vez, se destinavam a gerir de forma mais expedita o seu estudo: **Des** – reporta-se ao desenho da peça S (sim) N (não); **Cont** – número do contentor do Museu; **OBS** – observações consideradas pertinentes.

O conjunto de cerâmicas da AGZ engloba cerâmicas de fabrico manual, conectáveis com a sua utilização como espaço sepulcral na Pré-história recente e materiais de roda. Estes últimos devem corresponder à sua reutilização na Proto-história, referida por H. Leonor Pina (Alegria e Dias, 2007) e a outros eventualmente posteriores.



Figura 7 - Desenho no Museu de Évora

As peças consideradas mais representativas e/ou em melhor estado de conservação foram desenhadas pela signatária com o apoio de alunas de Erasmus e de Arqueologia da Universidade de Évora.

2.2. As cerâmicas manuais

Como se referiu anteriormente, o estudo das cerâmicas da AGZ acabou por não ser exaustivo uma vez que o espólio das últimas duas campanhas foi incorporado mais tarde e, uma parte significativa, encontra-se por lavar, marcar e inventariar. Para estas cerâmicas optámos por fazer uma contagem geral, por saco.

Do espólio tratado é de referir também que inúmeros fragmentos são de tamanho muito reduzido, pelo que muitas das medidas previstas anteriormente não se puderam realizar.

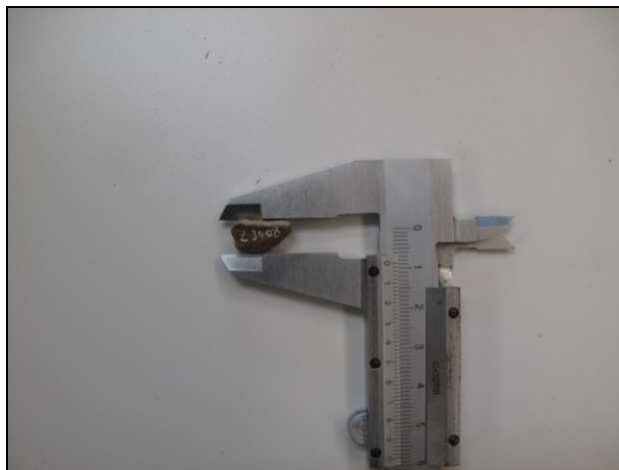


Figura 8 - Exemplo da dimensão de alguns dos fragmentos

Os materiais cerâmicos inventariados no Museu e que constam da base de dados representam um universo de 1024 entradas, em diferentes estados de conservação. Algumas destas entradas, com um único número, representam mais do que um fragmento de cerâmica normalmente por se encontrarem coladas ou estarem todas numeradas com o mesmo número (exp. Z-3935; Z-3714A; Z-3964).

De realçar ainda que, à data da realização deste estudo, dos 1040 registos realizados, apenas 48 já possuíam a numeração do Museu de Évora (ME) a par da numeração antiga (Z).

Em termos de publicações, como se referiu anteriormente, para além do artigo dos trabalhos de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Soares e Silva, 2010), temos apenas a referência de H. Leonor Pina ao vaso decorado com motivos oculados, do qual publica uma fotografia (Pina, 1971: 154, Est.II).

2.2.1. Forma Geral

Em relação aos parâmetros considerados para a descrição da forma geral consideraram-se apenas dois grandes tipos: A – *aberta*; F – *fechada*. Em termos de morfologia, seguiu-se a descrição apresentada por outros investigadores, para contextos cronologicamente similares e regionalmente próximos (Lago *et al.*, 1998: 81-85). Dos 1040 fragmentos analisados até ao presente, cerca de 8,2% correspondem a formas abertas e 13,85% a formas fechadas.

2.2.2. Estado

No que diz respeito ao estado como se pode verificar pelo Gráfico 1, a esmagadora maioria das peças inventariadas são bojos. Em relação à categoria dos Indeterminados, de realçar que se trata de fragmentos de muito reduzidas dimensões ou mesmo “lascas” de cerâmicas, em que apenas existe uma das superfícies conservadas.

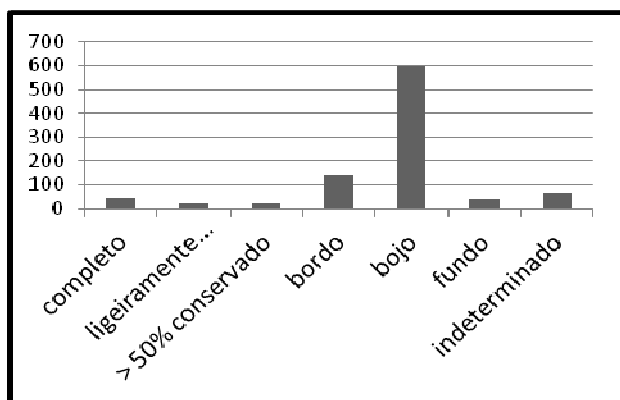


Gráfico 1 - Estado de conservação

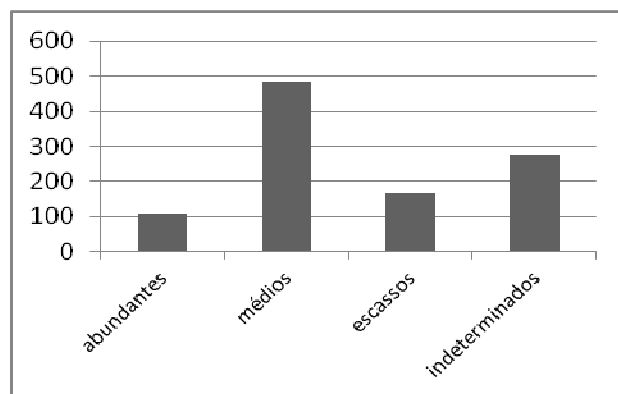


Gráfico 3 - Quantidade de CNP

Se considerarmos apenas as três primeiras categorias, *inteiro*, *ligeiramente fragmentado* e *mais de 50% da peça conservada* verificamos que existem apenas 87 registos, o que corresponde a cerca de 8,36% do total. Considerando que se trata de materiais recolhidos num monumento funerário e não num povoado, esta elevada fragmentação dos materiais só pode indicar que os métodos utilizados na escavação não terão sido os mais apropriados.

Em relação às pastas foi possível individualizar, desde já, dois grandes grupos:

- 1) As pastas finas. Incluem-se neste grupo cerâmicas pré-históricas e posteriores;
- 2) As pastas grosseiras. Apresentam maior espessura, peças mais robustas e de maiores dimensões.

2.2.3. Homogeneidade da pasta

Este descritor foi considerado com base na observação directa dos fragmentos.

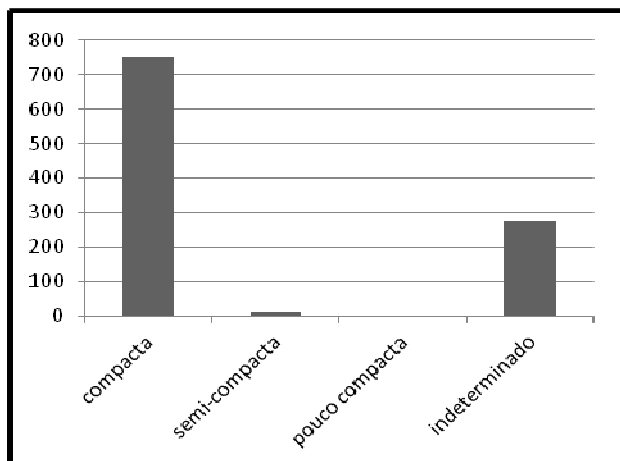


Gráfico 2 - Análise das pastas

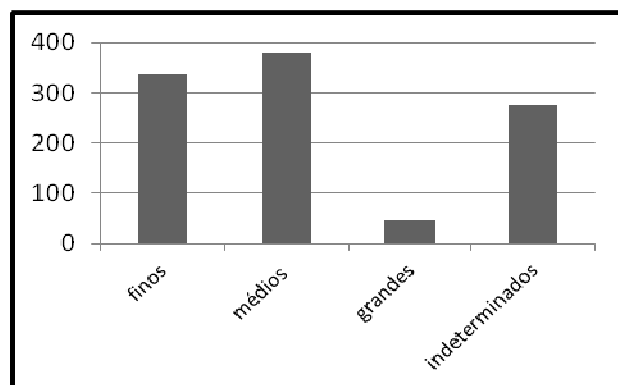


Gráfico 4 - E.N.P - dimensão

No que concerne à dimensão dos CNP verifica-se que apesar de serem maioritariamente de calibre fino a médio, existem, nalgumas das peças observadas, alguns componentes de maior dimensão que, em alguns casos, poderá ser a causa da sua fratura.

Como seria expectável em contextos funerários, as pastas são maioritariamente compactas.

2.2.4. Componentes não plásticos

Em relação aos Componentes Não Plásticos (CNP) foram considerados três parâmetros de avaliação: o *número*, a *dimensão* e a *matéria-prima*. A análise foi realizada sem recurso a instrumentos ópticos.

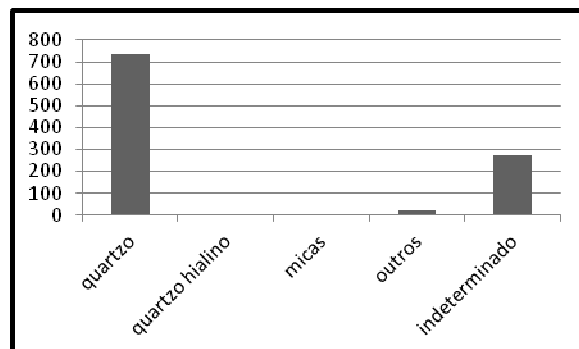


Gráfico 5 - C.N.P - matéria-prima

2.2.5. Tratamento das superfícies

A análise do tratamento das superfícies atesta que estas são maioritariamente tratadas através da técnica do alisamento, engobe ou aguadas, tanto a nível exterior como interior. Em regra, as peças com melhor tratamento das superfícies são as de menor dimensão, com pastas mais finas e decoradas.

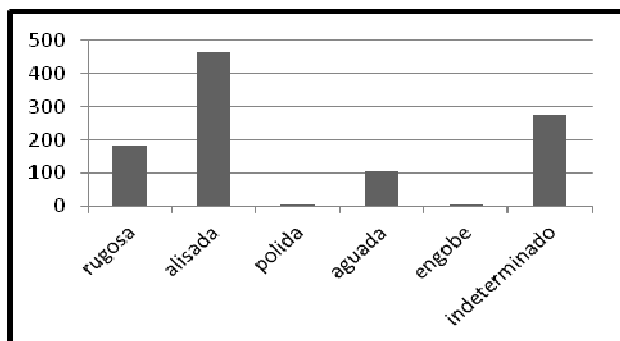


Gráfico 6 - Tratamento exterior das superfícies

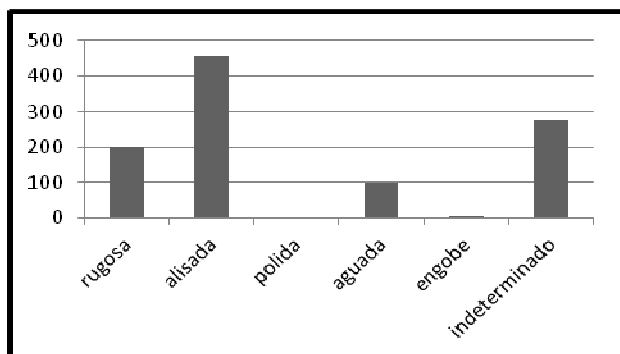


Gráfico 7 - Tratamento interior das superfícies

2.2.6. Cozedura

As cerâmicas apresentam-se maioritariamente com pouco homogeneidade a nível da cor, fato que se denota sobretudo nas peças inteiras.

Estas diferenças resultam de dois tipos de fatores:

- 1) Do processo de cozedura, uma vez que nem todas as peças apresentam cozeduras uniformes. Existem casos de cozeduras oxidantes com partes do recipiente com cozedura redutora e vice-versa;
- 2) Por fenómenos que me parecem ser posteriores, e que terão a ver com a exposição ao calor [fogos] e a calcificações (?) uma vez que as pastas, nestes casos, se apresentam com muitas concreções brancas, quer no interior quer no exterior e que não correspondem a decorações. Este tipo de anomalia (e outras especificidades das pastas e decorações) encontra-se atualmente em estudo no âmbito de um projeto com o Laboratório HERCULES (Universidade de Évora).



Figura 9 - Exemplo de concreções brancas nos recipientes

Regra geral as pastas são bastante compactas.

2.2.7. As decorações

A análise da decoração das cerâmicas poderá também ainda não estar concluída uma vez que se ignora se existem, ou não, fragmentos decorados, nos materiais que se encontram ainda por tratar.

Numa primeira abordagem podemos referir que se encontram presentes, em termos de técnicas decorativas, a incisão, a impressão, a impressão+incisão, a incisão/impressão com preenchimento com pasta branca e a aplicação plástica (mamilos e cordões).

A utilização de pasta branca para preenchimento de decorações incisadas e impressas encontra-se presente em vários recipientes. Desconhece-se ainda de que tipo de material (orgânico ou inorgânico) foi feito a pasta branca.

A decoração existente enquadra-se em dois grandes grupos: a denominada “decoração simbólica” (Gonçalves, 1992) e a decoração organizada em torno de linhas e/ou fiadas de pontos impressos, conjugada, por vezes, com decoração incisa.

Os recipientes decorados são sobretudo fechados, de pequena dimensão. Esta preferência parece ser comum noutras áreas regionais e poderá dever-se ao fato de “para as decorações exteriores, os recipientes fechados apresentam, obviamente, um maior potencial de visibilidade, favorecendo a exposição da temática decorativa” (Valera, 1997: 81-83).

2.3. As cerâmicas de roda

O número de cerâmicas de roda inventariado até ao presente, é bastante escasso, apenas 24 registos. No entanto, alguns deles correspondem a mais que um fragmento que ou possuem o mesmo número de inventário, ou encontram-se coladas.

3. Um ponto de situação

O estudo final das cerâmicas da AGZ só estará realizado quando todas as cerâmicas depositadas no Museu de Évora estiverem em condições de poderem ser analisadas.

Mas, no estado actual da investigação alguns comentários são possíveis:

- o escasso número de peças recuperadas. Como se referiu anteriormente este número não deixa de ser surpreendente atendendo às dimensões do monumento. Em Reguengos de Monsaraz temos monumentos com dezenas de vasos em bom estado de conservação, de acordo com os registos do casal Leisner (Leisner e Leisner, 1951). A anta Grande do Olival da Pega (OP1) é, dentro deste grupo megalítico a que oferece maior diversidade de materiais cerâmicos, tanto em termos de formas, como de dimensões e decorações.

- Maior percentagem e variedade de cerâmicas decoradas. Em relação à decoração simbólica, presente num dos vasos [ME 3816] de realçar as semelhanças entre esta peça e o vaso recolhido em OP1 (Idem, *Ibidem*: Est. XXX, 14, 14a) apesar do estado de conservação ser, neste caso, muito melhor na AGZ. Os dois apresentam os motivos oculados [olhos solares], raiados, faixas laterais com linhas incisadas preenchidas com ponteados impressos e os triângulos também preenchidos com ponteados impressos. A indicação das sobrelhas é realizada em OP1 – 14, através de dois sulcos paralelos que se prolongam depois em volta de todo o recipiente, enquanto na AGZ – ME 3816, as sobrelhas são indicadas com uma série de linhas, o que lhe confere maior naturalismo. Na realidade, o pequeno vaso recolhido na AGZ é muito mais realista uma vez que para a sua base se prolongam as duas mãos, com cinco traços a indicar os dedos. Também aqui se verifica o preenchimento com pasta branca.

Para além desta peça, existem outras variedades decorativas:

- A decoração com linhas incisadas preenchidas com ponteados impressos encontra-se presente em outros recipientes (V-44; Z- 4305; Z-4300; Z-4120), em melhor ou pior estado de conservação;

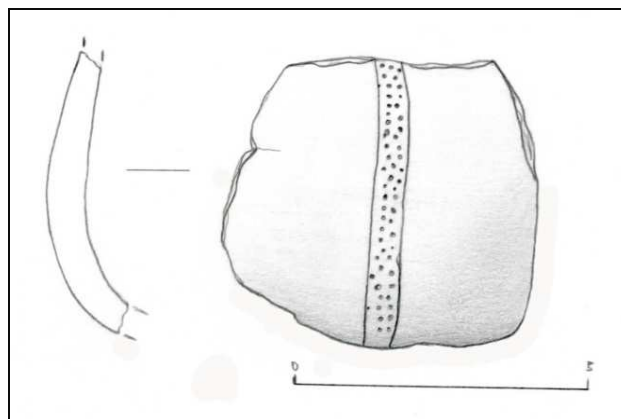


Figura 10 - Fragmento de bojo com decoração incisa e impressa - V 44. Desenho de L. Rocha

- Linhas incisadas com pasta branca (Z- 4309; ME 18374; Z-4289), ou sem pasta branca (V-45; Z-4041);

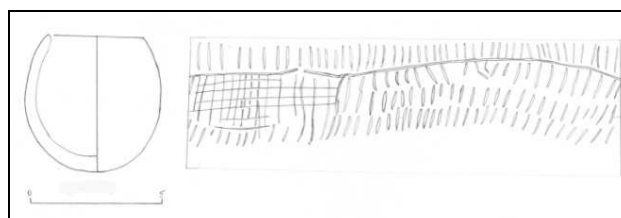


Figura 11 - Esférico simples com decoração incisa preenchida com pasta branca - ME 18374. Desenho de L. Rocha

- Fragmentos em que apenas surgem ponteados preenchidos com pasta branca (Z-...300);

- Restos de decoração impressa em fragmentos de muita reduzida dimensão (Z-4228; Z-3908);

- Linhas incisadas, paralelas, estão presentes em pelo menos três peças (Z-3969, Z-3826, Z-4432).

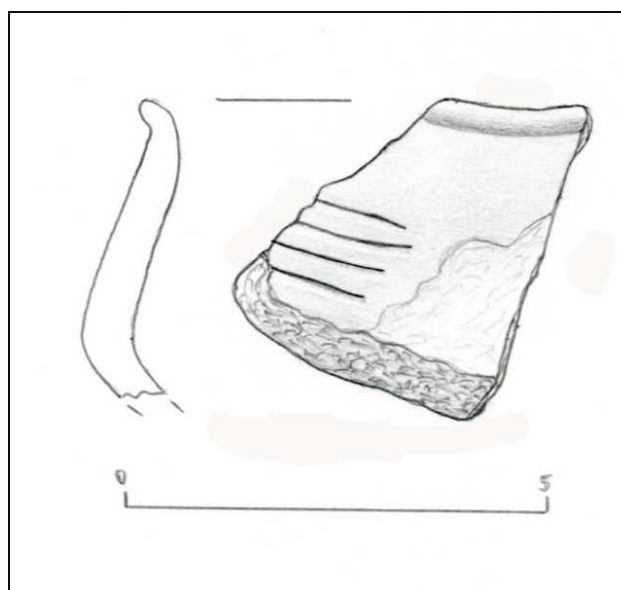


Figura 12 - Fragmento de bojo com decoração incisa - Z 3969. Desenho de L. Rocha

- Linha muito fina feita com ponteados incisos (Z-4234)
- Uma peça (Z-3903) apresenta duas linhas paralelas que parecem ser obtidas a partir de uma concha.

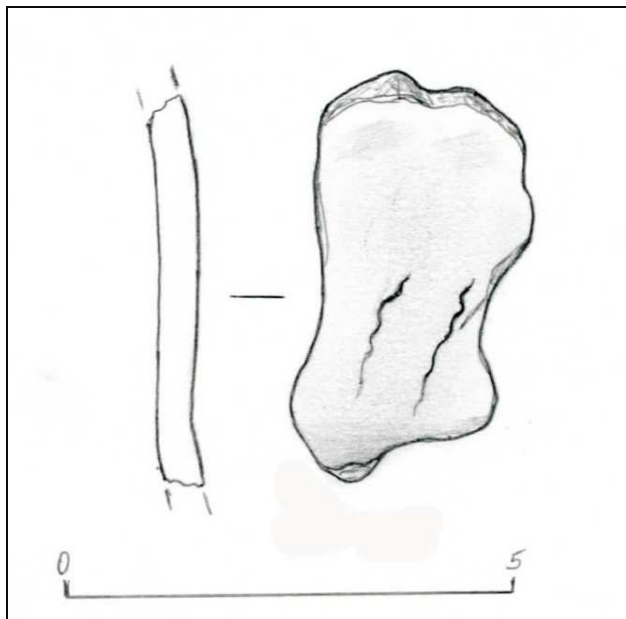


Figura 13 - Fragmento de bojo com decoração impressa – Z 3903. Desenho de L. Rocha.

- Decoração simbólica encontra-se presente em alguns exemplares, em diferentes estados de conservação. A decoração inclui o triângulo inciso, preenchido com pontilhado, associado a linhas paralelas, onduladas ou zigzagueantes e, por vezes, aos motivos solares – “olhos solares” (ME - 3816; Z – 3823; Z – 4300);

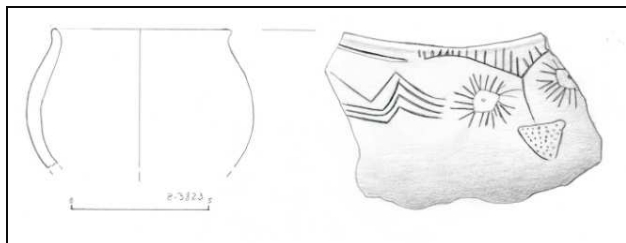


Figura 14 - Globular com decoração simbólica – Z 3823. Desenho de L. Rocha

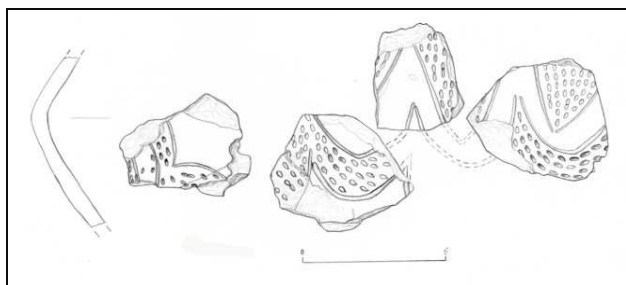


Figura 15 - Fragmento de bojo com decoração simbólica – Z 4300. Desenho de L. Rocha

Algumas destas peças apresentam a decoração preenchida com pasta branca, mas em apenas um caso (ME 18371) se observou a presença de pasta branca e elementos

vermelhos (cinábrio/ocre) numa decoração incisa com ponteados.

Em relação ao espólio cerâmico recolhido nas intervenções posteriores, temos uma descrição sucinta por Sondagem, das escavações de 1983-84, da responsabilidade de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Soares e Silva, 2010).

Pelos desenhos apresentados (Idem, Ibidem: Figs. 20, 22, 25 e 32) a maior parte eram fragmentos sem decoração. No entanto, na área de entrada do corredor, ainda se recolheram duas peças inteiras (Idem, Ibidem: Fig. 25) e na Sondagem D, foi recolhido um fragmento com decoração incisa e bordo denteado (Idem, Ibidem: Fig. 32, nº 3).

Das intervenções realizadas na década de 90 do século XX, cujos materiais não estão lavados nem marcados, identificou-se:

- Um pequeno esférico partido, mas com quase todos os fragmentos recolhidos o que permite a sua recuperação, com decoração a ponteados incisos na metade inferior e base da peça.

Por último, regista-se ainda a presença de algumas formas pouco comuns, cuja função deverá estar relacionada com o sagrado/ simbólico, como é caso da peça Z – 4280, uma pequena caixa de cerâmica que apresenta, nos cantos, perfurações, o que a assemelha a uma cara.

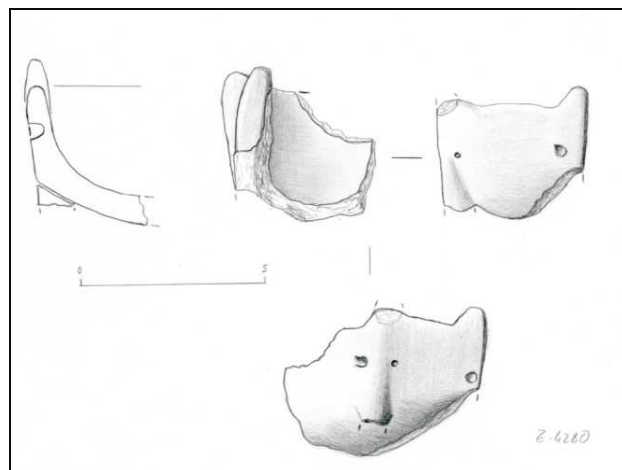


Figura 16 - Caixa de cerâmica – Z 4280. Desenho de L. Rocha

Este tipo de objetos foi identificado, esporadicamente, noutros monumentos funerários, com é o caso de Olival da Pega 2 e Túmulo 1 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz).

Partindo dos dados que dispomos atualmente podemos perceber que existem monumentos funerários, de diferentes tipologias que são, de fato, excepcionais. A explicação para a quantidade, variedade e singularidade dos seus espólios poderá residir na existência de uma rede “comercial” de largo espectro, que lhes permitia obter

peças (marfim), substâncias (cinábrio) e matérias-primas (âmbar) provenientes de outras regiões.

Os indicadores de interação, particularmente expressivos em monumentos como a Anta Grande do Zambujeiro e túmulos associados aos grandes povoados de fossos dos Perdigões e Porto Torrão, parecem implicar uma maior complexidade nas relações destas comunidades com o exterior, num espaço geográfico ainda por clarificar.

Agradecimentos: A Antónia Dolores Soares, Ana Carolina Montalvão e Pedro Alvim, o apoio no desenho de algumas das peças cerâmicas. Aos colegas do Centro HERCULES, o início do estudo das pastas e elementos de decoração.

4. Bibliografia

- ALEGRIA, A; DIAS, C.M. (2007) – A anta Grande do zambujeiro na memória do arqueólogo Henrique Leonor Pina. Boletim. Museu Évora. Acessível:
- ALVIM, P. (2004) – Recintos megalíticos da região da serra de Monfurado e os «cabeços do meio-mundo»: monumentos, paisagem e cultura no neolítico alentejano. In CALADO, M. (Ed.) – *Sinais de Pedra. Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Ruprestre*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- BRADLEY R. (2002) – The land, the sky and the scottish stone circle. In SCARRE, Chris (ed.) - *Monumentality and Landscape in Atlantic Europe*. London: Routledge. p. 122-38.
- BRADLEY, R. (1993) – *Altering the earth: the origins of monuments in Britain and continental Europe*. Edimburgh: Society of Antiquaries of Scotland. Series 8.
- BRADLEY, R. (1997) – *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe*. London: Routledge.
- BURGESS, C. (1987) – Fieldwork in the Évora District, Alentejo, Portugal. Preliminary report. *Northern Archaeology*, [s.l.], 8.
- BURGESS, C.; MADDISON, M. ed. (1987) – *Northern archeology*. Vol. 8. Great Britain.
- CALADO, L. F; PEREIRA, P; LEITE, J. P. (2001) – Falando com franqueza: a salvaguarda do património e os seus (enormes) problemas. *PATRIMÓNIO, ESTUDOS*. Número 1. IPPAR.
- CALADO, M. (2006) – Cadernos de campo 8: Alentejo. In OOSTERBEEK, Luiz (dir.). *Territórios da Pré-História em Portugal*. Tomar. Edição apoiada pela Comissão Europeia.
- CALADO, M. (2001) – Da serra d’Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia*. 19. Lisboa: IPA.
- CALADO, M. (1990) – Aspectos do Megalitismo Alentejano. *O Giraldo* (Julho e Agosto). Évora. [s.n.].
- CALADO, M; BILOU, F. (2005) – *Megalithic Évora Megalítica*. Edição da Câmara Municipal de Évora.
- CALADO, M; SANTOS, J; CARVALHO, M. (2007-2008) – Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação. *A Cidade de Évora*. II Série. Número 7, p. 47-71.
- DIAS, L, OLIVEIRA, J; ROCHA, L; ROSADO, L; DIAS, C; CANDEIAS, A; MIRÃO, J. (no prelo) - Sobre a presença de Cinábrio em rituais funerários no Megalitismo do Alto Alentejo, Portugal. *IX Congresso Ibérico de Arqueometria*. Lisboa, Portugal. Outubro de 2011.
- ESPANCA, P.J. (1894) – *Estudo sobre as antas e seus congéneres*. Vila Viçosa: [s.n.].
- ESPANCA, T. (1966) – *Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora*. VII. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.
- GOMES, C. J. P. (1997) – Esboço ecológico e considerações fitossociológicas. In SARANTOPOULOS, P. (ed.) – *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora. p. 7-13.
- GONÇALVES, J. P. (1975) – Roteiro de alguns megalitos do distrito de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. Ano XXXII. Número 58. Janeiro-Dezembro. pp. 241-61.
- GONÇALVES, V.S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: Minerva do Comércio
- GONÇALVES, V. S. (1993c) – As práticas funerárias nas sociedades do 4º e 3º milénios. O megalitismo. In MEDINA, J. (dir) – *História de Portugal*. Lisboa. Ediclube. I. p. 247-301.
- GONÇALVES, V. S. (1993d) – Manifestações do sagrado na pré-história do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 15. 5ª Série., p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular: 4. A “síndrome das placas loucas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 6. Número 1. p.131- 157.
- GONÇALVES, V.S. (2003b) – STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia*. 32. Lisboa: IPA.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) – Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 7. Número 1. Lisboa: IPA. p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) – As deusas da noite: o projecto «placa nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 7. Número 2. Lisboa: IPA. p. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. (2006) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 7. As placas híbridas. Definição do conceito. Alguns poucos exemplos. De novo, os possíveis significados das placas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 9. Número 2. Lisboa: IPA. p. 27-59.
- GONÇALVES, V; PEREIRA, A; ANDRADE, M. (2003) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 21. Lisboa, p. 209-244.
- HOSKIN, M.; CALADO, M. (1998) – Orientations of Iberian tombs: Central Alentejo region of Portugal. *Archaeoastronomy*. 23. Cambridge. p. S77-82.

- LAGO, M; DUARTE, C, VALERA, A, ABERGARIA, J; ALMEIDA, F; CARVALHO, A.F. (1998) – Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados Preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1.1. Lisboa: IPA, p. 45-152.
- LEISNER, G. e V. (1959) – *Die megalithgrber der iberischen halbinsel: der westen*. Berlin: *Madrider Forschungen* I, 2.
- LEISNER, G. (1944) – O Dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo. *Biblos*. Coimbra. Volume XX. p. 1-30.
- LEISNER, G. (1949) – Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. Ano VI. Número 15-16/17-18. p. 3-40/499-534.
- MANHITA, A; MARTINS, S; COSTA, J; PRAZERES, C; ROCHA, L; DIAS, C; MIRÃO, J; TEIXEIRA, D. (2014) – A multi-analytical approach for the study of Neolithic pottery from the Grat Dolmen of Zambujeiro (Évora, Portugal) – a preliminary study. *E-conservation Journal*, 2, 66-78.
- MANHITA, A; ROCHA, L; ALEGRIA, A; MIRÃO, J; DIAS, C. (no prelo) - Análise material das contas de âmbar da Anta do Zambujeiro. X Congresso Ibérico de Arqueometria. Castellón, Espanha. Outubro de 2013.
- MANHITA, A; SALVADOR, R; ROCHA, L; DIAS, C. (no prelo) – Análise espectroscópica de contas de âmbar da Anta Grande do Zambujeiro. *Jornadas do Departamento de Química*. Universidade de Évora. Maio de 2013.
- OLIVEIRA, J. (1997) – O megalitismo funerário a Oeste de Évora: o estado da questão. In SARANTOPOULOS, P. (ed.) *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora. p. 53-57.
- PARREIRA, R. – *Anta Grande do Zambujeiro: programa de salvaguarda e valorização*. Conferência na Câmara Municipal de Évora. Organização Câmara Municipal de Évora. 1996/06/08.
- Património arqueológico no perímetro Escoural-Valverde - Guadalupe*. Serviço Regional de Arqueologia do Sul do Instituto Português do Património Cultural. Évora. 1989.
- PEREIRA, G. (1875) – *Dolmens ou antas dos arredores d'Évora. Notas dirigidas ao Exmo Sr. Dr. Augusto Filipe Simões*. Évora. [s. ed.].
- PINA, H. L. (1971) – Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra. Vol. I. p. 151-161.
- PINA, H. L. (1976) – Cromlechs und menhire bei Évora in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Número 17.
- Plano Director Municipal de Évora – Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico Concelho Évora*. Relatório: ANEXO IV. Junho 2005.
- Plano Director Municipal de Évora – Relatório Diagnóstico*. Vol. I. Dezembro 2007.
- Lei n.º 107/01 - Lei de bases do património cultural*. Número 209/01. DR SÉRIE I-A. Portugal. Assembleia da República.
- «*Processo da Anta Grande do Zambujeiro*». Acessível no arquivo da Câmara Municipal de Évora, Évora, Portugal.
- ROCHA, L. (1999) – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 2. p. 71-94.
- ROCHA, L. (2004) – Entre vivos e mortos...arte rupestre e megalitismo funerário na região de Évora. Sinais de Pedra. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora: Fundação Eugénio d'Almeida.
- ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: FLL. Tese de doutoramento policopiada.
- ROCHA, L. (2012) - Investimentos públicos em Património privado: problemas e perspectivas. *VI Congresso Internacional de Musealización de Yacimientos y Património*: “Arqueología, Patrimonio y Paisajes Históricos para el Siglo XXI. Toledo. P. 206-213.
- RODRIGUES, J. D; NUNES, C. (2006) – «*Relatório do Estado de alteração e conservação dos monumentos megalíticos Cromeleque dos Almendres e Anta do Zambujeiro*». Acessível no Arquivo da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, Évora, Portugal.
- Roteiro turístico de alguns monumentos megalíticos do distrito de Évora*. Edição dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Évora. [s.d.].
- SANTOS, A. P. (1994) – *Guias arqueológicas de Portugal: monumentos megalíticos do alto Alentejo*. Lisboa. Número 1. Fenda.
- SANTOS, J. C. L. (2009) – *A Anta Grande do Zambujeiro. Contributo para o processo de recuperação do monumento*. Évora: Universidade de Évora. Tese de Mestrado policopiada.
- SARANTOPOULOS, P. (2000) – Actividade arqueológica em Évora na última década do século XX. *A Cidade de Évora*. Évora. II Série. Número 4. p. 9-34.
- SCARRE, C. (1998) – *Exploring Prehistoric Europe*. Oxford: Oxford University Press.
- SCARRE, C. ed. (2002) – *Monuments and landscape in Atlantic Europe: perception and society during the Neolithic and early Bronze Age*. London: Routledge.
- SILVA, A.M; VALERA, A.C; COSTA, C; DIAS, M.I. (2010) – A new research Project on funerary practices at Perdígões enclosure. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA, p. 43-48.
- SILVA, A. C; PARREIRA, R; SILVA, M. L.; SARANTOPOULOS, P. (1992) – *Roteiro do megalitismo de Évora*. Évora. Câmara Municipal de Évora.
- SILVA, A. C. (1990) – *Património arqueológico do Alentejo: plano de conservação e valorização a médio prazo*. Évora. SRAZS. 150 ex. fotocopiados.
- SOARES, J; SILVA, C.T. (2010) – Anta Grande do Zambujeiro – arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87. *MUSA, museus, arqueologia & outros patrimónios*. 3. Setúbal: FIDS/MAEDS, p.83-129.